

REFLEXÕES ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DE UMA COMUNIDADE SURDA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA-PB

Autora(1): Gracileide Alves da Silva; Co-autor(1): Ronnie Wesley Sinésio Moura

*Universidade Federal da Paraíba - gracileide@hotmail.com
Universidade Federal da Paraíba – rwsinesiomoura@gmail.com*

Resumo: O presente trabalho traz uma discussão sobre as representações identitárias de uma comunidade surda escolar, que se apresenta invisibilizada socialmente, onde a inclusão social deveria acontecer naturalmente. Diante disso, objetivamos refletir quais processos identitários articulam à cultura surda e influenciam nas aproximações e/ou distanciamentos entre surdos(as) e ouvintes. No que diz respeito aos objetivos específicos, destacamos: discutir a evidência de identidades e diferenças da comunidade surda nas relações constituídas no espaço escolar e identificar que elementos sociais e educacionais contribuem para aproximar/distanciar alunos(as) surdos(as) de ouvintes. Para tanto, fundamentamos esse trabalho com estudiosos da área da inclusão e estudos surdos, a saber: Hall (2006, 2007), Silva (2009), Ferreira e Martins (2007), Skliar (1998), dentre outros. A metodologia adotada, trata-se de um relato de experiência, no qual o lócus da pesquisa é uma Escola Municipal de João Pessoa – PB e os sujeitos são os(as) alunos(as) surdos(as) e ouvintes que se relacionam com eles(as). Escolhemos a abordagem qualitativa para estudar e analisar a comunidade surda presente na escola e o processo de legitimação de sua(s) identidade(s) e diferença(s) em meio a luta pela (re) significação social desse grupo. Os resultados revelaram aspectos significativos que evidenciaram simultaneamente rupturas, resistências, tensões e desafios vividos pelos sujeitos protagonistas desse estudo, capaz de demonstrar a existência de algumas de suas subjetividades. Bem como, a construção de sua(s) identidade(s) que se baseiam num processo de “associação” a um determinado grupo e de “dissociação” com relação a outros.

Palavras-chave: Estudos surdos(as), Identidade e diferença, Ouvintes, Escola.

INTRODUÇÃO

A construção de escolas acolhedoras com práticas de ingresso e permanência de todos(as) os(as) alunos(as) sem mecanismos de classificações e/ou exclusões, tem sido o desafio da inclusão educacional, desde seu início até os dias atuais. Esse novo modelo de escola exige uma mudança significativa de concepções e práticas por parte dos(as) professores(as) e demais profissionais envolvidos(as) no processo educacional em perceber a diversidade humana e sua amplitude, com características que ao mesmo tempo sendo singular é também plural. Por isso, é preciso reconhecer a diferença no outro e enxergá-la como um aspecto positivo e que nada é estável e tudo é passível de mudanças nessa sociedade híbrida.

A inclusão desejada incorpora novas e diferentes possibilidades de ensinar e aprender na e com a diversidade incluindo, por exemplo, os diversos grupos historicamente excluídos ou, quando não, invisíveis no processo educacional, dentre os quais destacamos os(as)

indígenas, os(as) ciganos(as), os(as) afrodescendentes, as pessoas com deficiências, as comunidades surdas, dentre tantas outras. E é sobre esta última (pessoas surdas) que enfatizaremos neste artigo, com ênfase no contexto escolar.

A cultura e identidade surdas têm se fortalecido pela defesa da Língua Brasileira de Sinais – (Libras) como sendo a língua natural dos(as) surdos(as) e isso vem ocorrendo por meio de contribuições de teóricos(as) que estudam essa cultura e tem demonstrado para a sociedade possibilidades de sua (re) significação social.

Na sala de aula a presença de surdos(as) e ouvintes faz com que o(a) aluno(a) surdo(a) constitua sua identidade de forma heterogênea. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. (HALL, 2006, p. 13).

Diante do exposto, este estudo apresenta a seguinte problematização: Que/quais processos identitários se articulam à cultura surda e influenciam nas aproximações e/ou distanciamento entre surdos(as) e ouvintes? O olhar mais reflexivo quanto à questão remonta à discussão acerca das identidades e diferenças, mediante as relações estabelecidas entre os alunos(as) surdos(as) e os(as) ouvintes em um contexto escolar específico.

Partimos do pressuposto de que há uma hibridização na cultura surda, permitindo que não só alunos(as) surdos(as), mas aqueles(as) - colegas, família, intérpretes etc. - que se identificam com esse grupo podem fazer parte dele. Todavia, o conhecimento que se propaga acerca da cultura surda ainda é recente e não linear, ou seja, encontra-se em construção, embora estudos já tendem a evidenciá-la como constituída por um grupo fechado e homogêneo, tomando como referência central o uso da Libras.

A problematização citada acima está baseada em dois princípios, a saber: o da inclusão social e o da valorização das diferenças humanas. O primeiro, visto como um processo do qual a escola pública, enquanto instituição que tem a função social de educar, se constitui como instrumento para fomentar mecanismos de inclusão, participação social e cidadania. De acordo com Ferreira e Martins (2007 p. 34), “Inclusão consiste em melhorar a escola para todos e combater qualquer forma de exclusão, segregação e discriminação no contexto escolar”. Pois uma escola inclusiva consiste em acolher alunos(as) oriundos(as) de grupos vulneráveis (negros(as), pobres, homossexuais, deficientes, surdos(as) etc.) com os mesmos direitos de aprendizagem dos ditos “dentro” do padrão de normalidade que a sociedade criou e deve possuir profissionais qualificados(as), métodos e conteúdos curriculares adequados a essas necessidades individuais. E o segundo princípio, posto que o(a) surdo(a) constrói sua(s) identidade(s) com fragmentos das múltiplas diferenças de nosso tempo e não se incluem

ouvintes interessados(as) em fazer parte dessa cultura. A família ouvinte do(a) surdo(a), por exemplo, pode ser um desses.

Diante desses princípios, objetivamos com este estudo refletir que/quais processos identitários se articulam à cultura surda e influenciam nas aproximações e/ou distanciamento entre surdos(as) e ouvintes. E no que diz respeito aos objetivos específicos, elencamos os seguintes: discutir a evidência de identidades e diferenças da comunidade surda nas relações constituídas no espaço escolar e identificar que elementos sociais e educacionais contribuem para aproximar/distanciar alunos(as) surdos(as) de ouvintes.

A relevância deste trabalho que ora está proposto, justifica-se pelo fato de se tratar ainda de uma temática invisibilizada socialmente, especificamente, no campo escolar. Ademais, este estudo sobre identidades e diferenças numa comunidade surda, ampliada para inserção dos(as) ouvintes que se identificam com ela, proporcionará mais uma referência literária para o reforço de que a cultura surda não é “fechada”, mas abre caminhos e espaços para (inter) relacionar-se com outras culturas.

Nesse sentido, a identidade e a cultura estão relacionadas a práticas sociais de uma complexidade muito maior e, fundamentalmente, é tomada como o instrumento por excelência de sua constituição e definição. E nela estão presentes expressões de subjetividade e empoderamento.

Ressaltamos que não é pretensão visibilizar a concepção de grupos à parte. Almejamos apresentar reflexão(ões) sobre aproximações/distanciamentos que possibilitem evidenciar algumas expressões culturais e/ou educacionais. Estas manifestadas não apenas pela língua de sinais, mas também nos hábitos, nos modos de socialização e de comportamento de interação que dão origem a cultura surda e ao (re) conhecimento de suas diferenças inerentes aos processos de resistência nos quais essas identidades se manifestam.

METODOLOGIA

A abordagem escolhida foi a qualitativa por acreditarmos que essa, “Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações e atitudes que corresponde a um espaço mais profundo das relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (MINAYO, 2001, p.32). Estudando assim, aspectos subjetivos inerentes aos sujeitos pesquisados, que revelam suas atitudes, motivações explícitas, ou não, e suas expressões culturais.

Este artigo é um recorte de uma tese doutoral ainda em construção, iniciada em abril/2018, cujo interesse investigativo se apresenta diante das condições de inclusão nas quais propomos estudar a cultura surda. Esse anseio surge mediante as vivências no ambiente da Escola Municipal de Ensino Fundamental Índio Piragibe, situada no bairro de Mangabeira VII, município de João Pessoa - PB. Destaca-se como Escola referência no atendimento de alunos(as) surdos(as) que neste último ano letivo soma-se destes(as), um total de 12 alunos(as) distribuídos nos três turnos escolares, que tem revelado (ao mesmo tempo obscurecido), essa cultura com seus modos de comunicação, atitudes, comportamentos e interações entre os(as) surdos(as) e com a presença de alguns(mas) ouvintes que se relacionam com estes(as).

Estudando o Projeto Político Pedagógico – (PPP) da referida Escola, descobrimos que, a partir de 2009, com o início do processo de inclusão dos(as) alunos(as) com deficiência, no qual os(as) estudantes surdos(as) estavam inseridos(as), no sistema municipal de ensino de João Pessoa/PB, esta Escola foi indicada pela Secretaria de Educação a ser polo de atendimento a alunos(as) com deficiência e desde então tem se destacado na modalidade da educação especial. Com isso, seus(suas) profissionais vêm se aperfeiçoando na área e a escola tem recebido alunos(as) com diferentes deficiências, oriundos(as) do bairro Mangabeira e adjacências. Em termos estruturais e logísticos esta Unidade de Ensino dispõe de uma sala de recursos multifuncionais para o Atendimento Educacional Especializado (AEE), dos(as) alunos(as) com deficiência, bem como, intérpretes, psicopedagogas, psicóloga, cuidadores e professores(as) interessados em aprender a desenvolver processos de inclusão no contexto escolar.

Neste estudo apresentamos um relato de experiência que parte de uma observação realizada bem antes do projeto de doutorado, pois foi a partir dessa que, gradativamente, desenvolvemos a necessidade de estudar acerca da comunidade surda presente nessa Escola e sua relação com os(as) alunos(as) ouvintes.

Nossos sujeitos foram os(as) alunos(as) surdos(as) e, também, alguns(mas) ouvintes que consideram estabelecer relações sociais e educativas com os(as) surdos(as), visando conhecer o como e o porquê de uma determinada situação que, se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial, característico e, ao mesmo tempo, múltiplo.

Em meio a lutas entre diferentes significados do indivíduo, do mundo e da sociedade, formam-se identidades que dividem a esfera social, ajudando a produzir entre outras, determinadas identidades raciais, sexuais, nacionais. Nesse processo, ocorre a produção de diferenças e a confirmação (ou a mudança) de relações de poder hegemônicas. (SILVA, 2009, p. 126).

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

A observação sistemática se deu no ano letivo de 2017 até abril de 2018, em momentos diversos como: algumas aulas de diferentes componentes curriculares, no intervalo, nas aulas-campo que a Escola ofereceu, nos eventos cívicos escolares e no encontro sistemático que os(as) surdos(as) promovem entre eles(as) todas as sextas-feiras nos horários das 14:00 às 15:15h. Ocorrido nas turmas do Ensino Fundamental II (anos finais), onde têm alunos(as) surdos(as), à época, somando um total de 10 (dez), sendo 02(dois) na turma do 6º ano A, 02(dois) na turma do 7º ano B, 03(três) na turma do 8º ano C e 03(três) na turma do 9º A.

Em nossa discussão consideramos estas observações colhidas no campo de estudo, a partir da abordagem metodológica adotada, cujas reflexões fomentam importantes e diferentes percepções sobre essa realidade educacional, na medida em que aponta a interdependência entre o conhecimento científico e o do senso comum, construídos nas interações sociais/educacionais cotidianas.

RESULTADOS

O período de observação nos revelou aspectos significativos que evidenciaram simultaneamente rupturas, resistências, tensões e desafios vividos pelos sujeitos protagonistas de nosso estudo. Na ocasião, identificamos a existência das subjetividades da cultura surda bem presente no cotidiano escolar, apontando assim, possibilidades para (re)construção de sua(s) identidade(s) e diferença(s) que, na visão de Silva (2009), trata-se de conceitos que estão intrinsecamente ligadas, e um dependem do outro.

No ambiente escolar, em contato com alunos(as) surdos(as) e ouvintes, é comum os(as) surdos(as) demonstrarem um afastamento, ocasionando a “constituição” de um grupo diferente que implicitamente, acredita ter também uma cultura diferente. Sobretudo, em situações de socialização como nos momentos do intervalo, onde eles(as) ficam juntos(as) e promovem a comunicação e/ou ensinam libras para os(as) colegas que não têm domínio. Nessa ocasião, o(a) intérprete e/ou outros(as) ouvintes não participam desse momento que é particular dos(as) surdos(as).

Assim como nos encontros sistemáticos que ocorrem semanalmente nas sextas-feiras, oportunizando reunirem-se com seus pares para aprendizagens, socializações, troca de saberes, lazer, dentre outros. Considerados como fenômeno de distanciamento com os(as) ouvintes, porém, de aproximação entre surdos(as) e fortalecimento de suas afirmações identitárias e (re)significação cultural.

É perceptível também, inquietações por parte dos alunos(as) surdos(as), sobretudo, decorrente do fato de que muitos estudam a língua portuguesa como referência e base do ensino oferecido, enquanto que, a língua primária e de comunicação de muitos surdos(as), comumente, é a Libras. Na relação entre professor(a) ouvinte e alunos(as) (ouvintes e surdos(as)) percebe-se comportamentos questionáveis, a exemplo de alunos(as) ouvintes que ao se ausentarem da sala de aula, pedem autorização ao professor(a), enquanto alunos(as) surdos(as) transitam ao sair e entrar da sala de aula sem comunicar ao(a) docente.

Acresce-se, ainda, situações em que ocorre a ausência do(a) professor(a) ouvinte em momentos de aplicação de instrumentos avaliativos, delegando apenas a(o) intérprete a atribuição docente. Bem como, no mapeamento de sala de aula, feito pelo(a) professor(a), que agrupa os(as) surdos(as), separando-os(as) dos(as) ouvintes, com alegação de que eles(as) precisam sentar perto para facilitar a visualização do(a) intérprete, e/ou dividindo esses grupos para realização das tarefas e trabalhos escolares realizados em sala de aula.

Tais situações remetem a um lugar/espço dentro da própria sala de aula, por meio das quais surdos(as) e ouvintes constituem diferenças. Porém, os elementos comportamentais presentes na escola estão passíveis de (re) significação social, posto que há processos de interações dos(as) surdos(as) com colegas ouvintes em diversos momentos.

Com isso reafirmamos que, as manifestações identitárias da cultura surda são passíveis de serem constituídas por surdos(as) e ouvintes, pois não está ligada exclusivamente aqueles(as) que não ouvem ou oralizam sua comunicação, mas também a alguns(mas) ouvintes que se incluem nessa cultura, mediante a interação social construída entre eles(as).

[...] muitas vezes, o sujeito surdo transita entre essas duas culturas, a surda e a ouvinte; no entanto, sua identidade se constitui com a consciência de ser definitivamente diferente por necessitar de recursos completamente visuais. (SKLIAR, 1998, p.29).

No interior da Escola, há relações de contato entre os surdos(as)/surdos(as) e surdos(as)/ouvintes que faz emergir novas possibilidades interativas, de compreensão e de aprendizagens, que não são possíveis independente da linguagem oral ou de Libras. Assim, a sua significação social e legitimidade da diferença, passa a ser creditada nas interações sociais as quais estão ligadas não apenas a comunicação, pois. “à construção da identidade não é do domínio exclusivo de língua alguma, embora ela seja, sempre, a ordem do discurso” (MAHER, 2001, p. 135). Quanto a isso, as identidades estão relacionadas tanto aos discursos produzidos quanto à natureza das relações sociais.

Ante ao exposto, a construção da identidade baseia-se num processo de “associação” a um determinado grupo e de “dissociação” com relação a outros grupos. Os(as) surdos(as) e os(as) ouvintes crescem numa mesma cultura a partir do momento em que participam de um mesmo universo social.

A exemplo disso, presenciamos na escola, lócus de nosso estudo, situações que aproximam surdos(as) de ouvintes e vice-versa, quando em alguns trabalhos escolares feitos em grupos (seminários e participação de alguns projetos da escola); nas práticas esportivas oferecidas nas aulas de educação física; ao final do turno, cotidianamente ocorre um jogo de futebol entre surdos(as) e ouvintes e nesses momentos são construídas formas de se comunicarem e respeitarem as regras do jogo. Além disso, alguns(mas) ouvintes se aproximam dos(as) surdos(as) e do(as) intérprete e aprendem alguns sinais em Libras, ao modo que, quando o(a) intérprete se ausenta da sala de aula, estes(as) ouvintes interpretam (embora, com suas limitações) o que está sendo divulgado oralmente em sala.

Mediante as experiências relatadas acima, corroboramos com Dorziat (2017, p. 08) quando diz que, “O sistema educativo está diante de indivíduos com características que ora os aproximam de determinado grupo, ora os distanciam, tornando as relações maleáveis e circunstanciais por natureza”. E é exatamente isso que se tem revelado neste contexto educacional estudado.

Também concordamos com Hall (2007, p.129) ao afirmar que, “a identidade é construída por meio da diferença e não fora dela, e toda identidade, “eu/nós”, só se estabelece em relação com um outro, com aquilo que lhe falta, “ele/eles”. Para o mesmo autor, toda identidade se afirma como uma “celebração móvel” formada e transformada constantemente, em relação às formas pelas quais somos representados(as) ou imaginados(as) nos sistemas sociais e culturais que nos circulam.

DISCUSSÃO

A educação inclusiva perpassa pela valorização das diferenças, ancorada pelos pressupostos que procuram garantir a todas as pessoas, sem nenhuma distinção qualquer, oportunidades de pertencer a uma aprendizagem coletiva, à vida cotidiana da escola e da comunidade.

Com isso, a escola inclusiva emerge neste século XXI com o grande desafio para os(as) educadores(as), de colaborar para a construção de “um mundo em que todos e todas sejam

socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”. (CARBONELL, 2016, p. 102).

Para tanto, devemos reconhecer que somos uma sociedade formada por indivíduos que vivem no interior de um grande número de diferentes instituições, que constituem aquilo que Bourdieu (1984) chama de “campos sociais”, que são: as famílias, os grupos de colegas, as instituições educacionais, os grupos de trabalho ou partidos políticos etc. Com isso, é possível perceber que os sujeitos constroem suas identidades com fragmentos das múltiplas diferenças de um determinado tempo e espaço que (con)vive.

É importante ressaltar também que as práticas de aproximação e/ou distanciamentos discutidas acima nos apontam sinais de que, as ações até então realizadas em prol da inclusão de alunos(as) surdos(as) na escola regular, oportuniza entre outros aspectos a possibilidade de, convivendo com as diferenças, aprender a respeitá-las, superar preconceitos e eliminar alguns “estereótipos” culturalmente arraigados em nossa sociedade, que impedem de enxergar as potencialidades que o(a) outro(a), considerado como diferente, tem a revelar, aprender e ensinar.

Reconhecendo-os(as) como sujeitos que, por apresentarem condições diferenciadas de comunicação (Libras), e conseqüentemente, terem uma maneira peculiar de lidar com sua aprendizagem, desafiam à docência, que por sua vez, em algumas situações, (re)nega essa diferença presente no cotidiano escolar, quando oferece um ensino homogêneo incapaz de alcançar esses e tantos outros alunos(as) diferentes.

Outros fenômenos identitários observado nessa experiência, apontaram que, alguns(mas) alunos(as) surdos(as) são motivados(as) pela valorização de suas manifestações por um pequeno grupo de ouvintes que se relacionam com eles(as). Concomitantemente, outros(as) demonstraram se sentir excluídos(as) e/ou inferiores em algumas situações no processo ensino-aprendizagem, ocorridos em sala de aula e demais ambientes da escola, pela falta da linguagem oral, considerada pela sociedade ouvinte como uma característica importante para ascensão cultural e/ou meio de acesso a participação social.

Esse último fator é preocupante e cabe, sobretudo, à escola, que se assume inclusiva (no discurso de seus(as) profissionais e documentos oficiais desta, a exemplo do PPP), “superar práticas de diversidade excludente (existente na maioria das escolas com um currículo único para todas as diferenças), para a diversidade inclusiva com a criação de grupos cooperativos e interativos em sala de aula”. (CARBONELL, 2016. p. 111). Elaborando mecanismos de combate a essa exclusão e segregação educacional de alunos(as), que ocorre dentro de um mesmo ambiente educativo.

Portanto, as observações apontaram para a compreensão de que, a escola contempla um universo de culturas com suas identidades e diferenças que se entrecruzam por vínculos culturais identitários e múltiplas vivências educativas. Almejando assim, outros caminhos em que se pode emergir saberes e continuamente podem (re)significar seus modos de ser, agir, pensar, relacionar e conviver com o(a) outro(a). No trato a comunidade surda estudada, ainda há muito a se lutar pela sua visibilidade, enquanto, grupo possível de (re)apresentar seus saberes e assim, demonstrarem seus potenciais a um outro grupo, que na maioria das vezes, se joga superior, os(as) ouvintes.

CONCLUSÕES

As observações realizadas acerca da comunidade surda presente no ambiente escolar da Índio Piragibe - João Pessoa/PB, sinalizam viabilidade de diálogos quanto às relações existentes entre surdo(a)-ouvinte, num processo capaz de reforçar a ampliação do conceito da referida cultura como híbrida. Permitindo possibilidades de análise futura, acerca das concepções sobre identidade, diferença e (re)significação social dos(as) alunos(as) surdos(as) com os(as) ouvintes, bem como, seus familiares, intérpretes, dentre outros sujeitos sociais, que de forma “indireta” participam dessa comunidade.

Pudemos perceber que, ao mesmo tempo que há processos educativos e interativos no ambiente escolar que distanciam os(as) alunos(as) surdos(as) dos(as) ouvintes, também ocorre situações inversas, onde há uma reciprocidade de diálogos e entrosamento entre estes(as), ocasionando aproximações que corroboram para (re)significação desses dois grupos (surdos(as) e ouvintes). Resta-nos entender que mecanismos de interação e diálogos os(as) surdos(as) usam para se comunicar (quando não a Libras) e relacionar-se com os(as) ouvintes, assim como, destes(as) com os(as) surdos(as).

Esses mecanismos, instabilidade e contradição são alguns dos elementos que contribuem para que a construção social, que denominamos de identidades, seja (re)significada. Ademais, são esses que possibilitam aos educadores (as) (re)pensarem suas práticas que, se inclusivas, devem ser contra-hegemônicas.

É importante destacar também que, sobre essa instabilidade e contradição identitárias, muitas das ações elencadas nos resultados deste trabalho, demonstraram que, algumas práticas de distanciamento entre alunos(as) surdos(as) e ouvintes, são as mesmas que aproximam os(as) surdos(as) entre eles(as), permitindo que elementos identitários reforcem, fortaleçam e legitimem a construção de sua cultura no ambiente escolar. Do contrário, atividades sociais e

escolares realizadas no ambiente escolar da Índio Piragibe, reforçadas como práticas que unem alunos(as) surdos(as) dos(as) ouvintes, contribuem para enriquecer a luta dessa cultura.

Enfim, os elementos da subjetividade, expressividade e empoderamento social e cultural da(s) identidade(s) dos(as) surdos(as), merecem ser estudadas com profundidade e este trabalho propõe provocações acerca disso, com clareza de ser um estudo ainda embrionário, mas, instigante à pesquisas e análises futuras.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1984.

CARBONNEL, Jaume. **Pedagogias do Século XXI**: bases para inovação educativa. Tradução de Juliana dos Santos Padilha. 3ª ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

DORZIAT, Ana (Org.). **Estudos Surdos**: diferentes olhares. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2017.

FERREIRA, Windyz Brazão; MARTINS, Regina Coeli Barbosa. **De docente para docente**: práticas de ensino e diversidade para a educação básica. São Paulo: Summus, 2007.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa da Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAHER, Terezinha Machado. Sendo índio em português.... In: SIGNORINI, Inês. (Org.). **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado das Letras/FAPESP/FAEP, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). Pesquisa social: **Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: Problematizando a Normalidade. In _____ (org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.